

## **O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica**

Marcos Meinerz<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Desde o final da Segunda Guerra Mundial, o gênero chamado de histórias alternativas vem ganhando destaque nos mais variados meios de comunicação – Literatura, cinema, televisão, revistas e internet. E se Jesus tivesse escapado da crucificação? E se os nazistas vencessem a Segunda Guerra Mundial? E se a Revolução norte-americana não tivesse ocorrido? Perguntas como essas fazem parte do mote das histórias alternativas que, em suma, perguntam como o mundo poderia ter sido diferente se determinados acontecimentos “chave” da história da humanidade tivessem um resultado diferente. A partir da década de 1990 esse tipo de produção cultural tem ganhado espaço no mundo acadêmico inglês, alemão e norte-americano como fonte para monografias, dissertações, teses e ensaios históricos. O artigo, portanto, investiga essa produção cultural como uma possibilidade de fonte histórica para se compreender o passado, presente e futuro, uma vez que elaboram representações sobre os mesmos. Para isso, foi analisado as alternativas sobre o nazismo.

**Palavras-chave:** História alternativa; memória; meios de comunicação.

### **NAZISM AS A THEME FOR “ALTERNATIVE STORIES”: possibilities of its uses as a historical source**

### **ABSTRACT**

Since the end of World War II, the genre called alternative stories has been gaining prominence in the most varied media - Literature, cinema, television, magazines and the internet. What if Jesus had escaped the crucifixion? What if the Nazis won World War II? What if the American Revolution had not taken place? Questions like these are part of the motto of alternative stories that, in short, ask how the world could have been different if certain "key" events in human history had a different outcome. Since the 1990s, this type of cultural production has gained space in the English, German and American academic world as a source for monographs, dissertations, theses and historical essays. The article, therefore, investigates this cultural production as a possibility of historical source to understand the past, present and future, since they elaborate representations about them. For that, the alternatives about Nazism were analyzed.

**Key-words:** Alternative History; memory; media.

### **NAZISMO COMO TEMA PARA LAS “HISTORIAS ALTERNATIVAS”: posibilidades de sus usos como fuente histórica**

### **RESUMEN**

Desde el final de la Segunda Guerra Mundial, el género llamado historias alternativas ha ganado importancia en los medios más variados: literatura, cine, televisión, revistas e Internet. ¿Y si Jesús hubiera escapado de la crucifixión? ¿Qué pasa si los nazis ganaron la Segunda Guerra Mundial? ¿Qué pasaría si la revolución estadounidense no hubiera tenido lugar? Preguntas como estas son parte

---

<sup>1</sup> Doutor em História. E-mail: markosmeinerz@gmail.com

del lema de historias alternativas que, en resumen, preguntan cómo el mundo podría haber sido diferente si ciertos eventos "clave" en la historia humana hubieran tenido un resultado diferente. Desde la década de 1990, este tipo de producción cultural ha ganado espacio en el mundo académico inglés, alemán y estadounidense como fuente de monografías, disertaciones, tesis y ensayos históricos. El artículo, por tanto, investiga esta producción cultural como posibilidad de fuente histórica para comprender el pasado, el presente y el futuro, ya que elaboran representaciones sobre ellos. Para eso, se analizaron las alternativas sobre el nazismo.

**Palabras-clave:** Historia alternativa; Memoria; Medios de comunicación.

## Introdução

Em 1962, norte-americano Philip K. Dick publicou o livro intitulado, “*The man in the High Castle*”, que traz a grande questão do: e se o Eixo tivesse vencido a Segunda Guerra Mundial? A obra narra como Franklin D. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América, foi assassinado em 1933. Sem Roosevelt, o país manteve uma postura mais isolacionista durante toda a década de 1930, participando somente da guerra após os ataques a Pearl Harbor, como, de fato, aconteceu. Nesse período, contudo, a Inglaterra e a União Soviética já estavam praticamente derrotadas pelas tropas de Hitler, culminando com a fácil vitória dos japoneses e nazistas sobre os Estados Unidos. O país, então, foi dividido entre o Japão, que ficou com a Costa Oeste até as Montanhas Rochosas, e o *III Reich*, que ocupou a Costa Leste até o Mississipi. O romance trata sobre um autor de ficção científica que escreve uma história alternativa sobre a Segunda Guerra Mundial, num mundo no qual os Aliados vencem o conflito. Ou seja, uma história alternativa dentro de uma história alternativa.<sup>2</sup>

Norman Spinrad, escritor estadunidense, publicou em 1972 a história alternativa intitulada, “*The Iron Dream*”. No romance, Hitler - que nunca chegou a se tornar o *Führer* da Alemanha - emigra em 1919 para a cidade de Nova York, nos Estados Unidos, onde viveu como um escritor de ficção científica, ilustrador e editor de *fanzine* até sua morte em 1953. Sua obra mais conhecida, *O Senhor da Suástica*, é um enorme sucesso em um mundo onde a União Soviética é a maior potência no cenário político-econômico mundial. Contudo, a maior parte do livro não se baseia nesse contexto histórico fictício, mas sim no livro escrito por Hitler, no qual o líder forte e persuasivo, Feric Jaggar (alter ego de Hitler), comanda os

---

<sup>2</sup> DICK, Philip. **The man in the high castle**. New York: Putnam, 1962. Para ter uma visão geral sobre vários tipos de enredos dentro das histórias alternativas, ver: LODI-RIBEIRO, Gerson. **Ensaio de história alternativa**. Rio de Janeiro: Scarium Magazine, 2003. O livro de Dick acaba de ser adaptado para um seriado de televisão, produzido pela Amazon e dirigida pelo famoso diretor Ridley Scott. A sinopse pode ser conferida em: <https://omelete.uol.com.br/series-tv/noticia/o-homem-do-castelo-alto-eua-perdem-a-segunda-guerra-mundial-no-primeiro-trailer-da-serie/>. Acesso em 12/07/2016.

últimos humanos normais do planeta terra (brancos, loiros, altos e olhos azuis) contra um ambiente de mutantes e alienígenas, especialmente os “zinds”, uma mescla entre judeus e soviéticos. No final do livro de Hitler, Jaggar vence a batalha garantindo que o “genótipo perfeito” perpetuará o domínio eterno neste mundo.<sup>3</sup>

No ano de 1987, foi a vez de outro escritor norte-americano, Joseph Heywood publicar a obra “*The Berkut*”, na qual descreve a fuga de Hitler no final da guerra com ajuda de um esquadrão alemão especializado. O romance começa nos dias finais da Alemanha nazista quando Hitler comete suicídio juntamente de Eva Braun em seu *bunker*. No entanto, depois de Eva se matar, um dublê toma o lugar de Hitler e é eliminado junto com Braun no quintal da Chancelaria para que os russos encontrem os corpos. O verdadeiro Hitler escapou de Berlim, junto com o coronel alemão Günther Brumm. Joseph Stalin, entretanto, deduziu intuitivamente que Hitler não era um homem que cometeria suicídio. Por isso, ele organizou uma equipe especial de cinco agentes para caçá-lo e trazê-lo de volta para uma vingança pessoal. O romance logo se torna tanto uma perseguição emocionante como um jogo cruel de gato e rato. São nessas linhas que se desenvolve a trama do suspense de Heywood.<sup>4</sup>

Essas três obras exemplificam um gênero literário conhecido como “Histórias Alternativas”, no caso, sobre o nazismo. Contudo, o que é uma história alternativa? Em uma simples definição podemos afirmar que é um relato ficcional de uma “história que nunca aconteceu”. São trabalhos que narram uma sucessão de eventos hipotéticos, construindo um presente ou passado diferente daquilo que concordamos como verossímil. Perguntando como o mundo poderia ter sido diferente, ela investiga a possível consequência do “e se” dentro de um contexto histórico específico: e se os dinossauros existissem até hoje? E se Jesus tivesse escapado da crucificação? E se Colombo nunca tivesse descoberto o Novo Mundo, mas sim os *Vikings*? E se os nazistas vencessem a Segunda Guerra Mundial? E se Adolf Hitler escapou da Alemanha nazista em 1945 se escondendo nas florestas da América do Sul? E se Hitler tivesse sido assassinado ou nunca tivesse nascido? E se a Revolução norte-americana não tivesse ocorrido? E se o Sul ganhasse a Guerra Civil nos Estados Unidos? E se a bomba atômica nunca tivesse sido jogada no Japão? As possibilidades são inúmeras. Tais questões contrafactuais podem parecer absurdas, até mesmo inúteis, mas

---

<sup>3</sup> SPINRAD, Norman. **The iron dream**. New York: Avon, 1972.

<sup>4</sup> HEYWOOD, Joseph. **The berkut**. New York: Dell, 1987.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

foram e são colocadas consideravelmente por um grande número escritores, em vários locais ao redor do mundo (principalmente nos EUA, Inglaterra, Alemanha, e América do Sul).

Tais histórias alternativas não possuem grande importância nas análises historiográficas. Isso se explica porque a tarefa do historiador é lidar com os fatos e não imaginar o que teria acontecido se os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial ou se o Sul tivesse vencido a Guerra Civil dos Estados Unidos. Contudo, podemos levantar alguns questionamentos sobre essas produções: devemos ignorá-las por representarem os eventos do passado de forma “não acadêmica” ou podemos utilizá-las como fontes históricas para se analisar o passado e o presente? Ainda: essas produções podem “revelar” alguma característica sobre o momento quando foram produzidas? Partindo desse norte, portanto, o objetivo do artigo é analisar as características das histórias alternativas e os seus possíveis usos como fontes históricas para compreender o passado e o presente, a partir das histórias sobre o nazismo.

### O que são histórias alternativas

Segundo o historiador norte-americano Gavriel Rosenfeld, desde a década de 1990, o gênero da especulação histórica contrafactual, ou história alternativa, tem se tornar um campo muito fértil da investigação histórica, principalmente, nos Estados Unidos.<sup>5</sup> No Brasil, é um campo ainda pouco explorado, mas podemos destacar o trabalho de monografia de Daniela Linkevicius de Andrade intitulado: “Quem faz o mundo?: a história alternativa em *Watchmen* (1986-1987)” – 2015. Nessa pesquisa, a autora reflete sobre a História Alternativa na obra *Watchmen*, uma série de doze revistas em quadrinhos criada pela DC Comics, escrita por Alan Moore e ilustrada por Dave Gibbons:

pretende-se analisar como se dá a alteração do curso da história na obra, além de como tal alteração dialoga com o contexto da época (Estados Unidos, ainda em Guerra Fria), compreendendo assim se este diálogo corresponde a um discurso distópico. Além disso, a monografia se empenha em refletir acerca das próprias contribuições da História

---

<sup>5</sup> ROSENFELD, Gavriel. Why do we ask “What If?”: reflections on the function of alternate history. In: **History and Theory**. Wesleyan University, December 2002. p. 90. Pode-se citar, por exemplo: *A History of Rome*, de M. Cary e H. H. Scullard (1975); *Virtual History: Alternatives and Counterfactuals*, editado por Niall Ferguson em 1997; e *Plausible Worlds: Possibility and Understanding in History and the Social Sciences*, de Geoffrey Hawthorn (1991).

Alternativa com relação à epistemologia da história, principalmente no que se refere às concepções de tempo na historiografia.<sup>6</sup>

O fato de essas narrativas estarem representadas em diversas formas culturais – literatura ficcional e não-ficcional (a grande maioria), contos, novelas, filmes, revistas em quadrinho, jogos de videogame, programas de televisão, e sites da internet -, possibilitou a sua crescente aceitação no mundo acadêmico como fonte para monografias, dissertações, teses e ensaios históricos.<sup>7</sup> Para o autor, a proliferação das histórias alternativas nos mais variados meios de comunicação de massa demonstra o crescente interesse e a crescente popularidade do gênero entre o público geral, fator que as tornaram um verdadeiro fenômeno no imaginário cultural ocidental.<sup>8</sup>

Não se sabe ao certo quando as histórias alternativas – também conhecidas como alo-história, história contrafactual e ucronia - começaram a ser escritas. Essa questão é amplamente debatida entre os acadêmicos que estudam o gênero. Rosenfeld afirma que as suas origens datam do advento da própria historiografia ocidental na antiguidade, quando historiadores como Tucídides e Tito Lívio se perguntaram como suas próprias sociedades seriam diferentes se os Persas tivessem derrotados os gregos nas Guerras Médicas ou se Alexandre o Grande tivesse empreendido uma guerra contra Roma. Contudo, como um gênero literário moderno, histórias alternativas possuem suas raízes em um passado mais recente, em meados do século XIX, quando as primeiras novelas nesse estilo foram

<sup>6</sup> ANDRADE, Daniela Linkevicius. **Quem faz o mundo?:** a história alternativa em *Watchmen* (1986-1987). Monografia (História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. p. 7.

<sup>7</sup> Principalmente na Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. No Brasil, não encontramos nenhum estudo acadêmico voltado a analisar esse gênero. Sobre como usar esse gênero literário em análises históricas ver: ROSENFELD, Gavriel. **The world Hitler never made:** Alternate History and the memory of Nazism. EUA: Cambridge University Press, 2005. ROSENFELD, Gavriel. Why do we ask “What If?”: reflections on the function of alternate history. In: **History and Theory**. Wesleyan University, December 2002, p. 90-103. BUTTER, Michael. **The Epitome of evil:** Hitler in American Fiction, 1939-2002. EUA: Palgrave Macmillan, 2009. SCHENKEL, Guido. **Alternate History – Alternate Memory:** counterfactual literature in the context of German normalization. Tese (Doutorado em Filosofia), University of British Columbia: Vancouver, 2012. Outros estudos que podemos destacar: HELLEKSON, Karen. **The alternative history:** refiguring historical time. Ohio: Kent State University Press, 2001. FERGUSON, Niall. **Virtual history:** alternatives and counterfactuals. New York: Basic Books, 1999. COWLEY, Robert. **What if?** The world’s foremost military historians imagine what might have been. New York: Putnam, 1999. COWLEY, Robert. **What if? 2:** eminent historians imagine what might have been. New York: Putnam, 2001. DEMANDT, Alexander. **History that never happened:** a treatise on the question, what would have happened if...? Jefferson, N.C: McFarland, 1993.

<sup>8</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2005. Op. Cit. Para ter uma noção da grande produção baseada nesse gênero discursivo, ver: [www.uchronia.net](http://www.uchronia.net), <https://www.facebook.com/groups/2208892565/?fref=ts>, <https://www.facebook.com/groups/historiaalternativa/>. Acesso em 06/10/2015.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

publicadas na França pós-Napoleônica.<sup>9</sup> Identifica-se como a primeira história alternativa moderna a obra do escritor francês Louis Napoleon Geoffroy-Chateau, com seu livro, “*Napoléon et la conquête du monde 1812-1832*” de 1836, seguido pela obra de seu conterrâneo Charles Renouvier, “*Uchronie*” de 1876. Ambas são consideradas como as primeiras histórias alternativas atuais no sentido de servirem como textos fundadores para uma nova tradição literária.<sup>10</sup> Porém, poucas apareceram até meados da década de 1950.

O cenário mais comum desse gênero é representado por eventos que deixaram marcas ou traumas no mundo contemporâneo e que continuam a ressonar no presente. Estes são frequentemente episódios de importância histórica mundial, variando de: reis a políticos mortos, vitórias ou derrotas militares decisivas, a ascensão de grandes movimentos culturais ou religiosos e mesmo tendências demográficas como migração ou pragas. Não é de se espantar, contudo, que nos últimos setenta anos - período no qual se verifica a maior produção do gênero no ocidente -, o tema mais popular e prolífico presente nesse tipo de narrativa incluem os eventos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial. Questionamentos sobre como o nosso mundo poderia ser diferente se os fatos entre 1933 a 1945 terminassem com outro resultado, fornece a base da maioria das histórias alternativas produzidas no mundo ocidental atual. A razão para a popularidade da era nazista pode ser explicada pela sua habilidade duradoura em atrair a imaginação contemporânea, refletindo a consciência da sociedade de que esse evento moldou o mundo contemporâneo como poucos fizeram. Resumindo, as muitas narrativas especulativas do *III Reich* refletem a constante centralidade da era nazista na memória ocidental.<sup>11</sup>

<sup>9</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2002. Op. Cit. p. 91.

<sup>10</sup> Ibidem. p. 92.

<sup>11</sup> Ibidem. p. 94. Porém, cada contexto nacional pode produzir histórias alternativas com motes que dizem respeito a fatos específicos de sua própria história. Como é o caso dos Estados Unidos. Os escritores norte-americanos além de produzirem um grande número dessas narrativas sobre a Segunda Guerra Mundial, também escreveram histórias alternativas sobre a sua Guerra Civil, bem como sobre a Revolução Americana. Entre as produções de histórias alternativas sobre a Segunda Guerra Mundial e o nazismo podemos destacar: BUKOWSKI, Charles. “Swastika”. In: **Erections, ejaculations, exhibitions and general tales of ordinary madness**. San Francisco: City Lights Books, 1972. GOSS, Gary. **Hitler's daughter**. Secaucus, NJ: Lyle Stuart, 1973. SPINRAD, Norman. **The iron dream**. New York: Avon, 1972. LEVIN, Ira. **The boys from Brazil**. New York: Random House, 1976. WEILL, Gus. **The Führer seed**. New York: William Morrow, 1979. BENFORD, Timothy. **Hitler daughter... wants to occupy the White House**. New York: Pinnacle Books, 1983. HEYWOOD, Joseph. **The berkut**. New York: Dell, 1987. CHARNAY, David. **Operation Lucifer: the chase, capture, and trial of Adolf Hitler**. New York: Squire General, 2002. ERICKSON, Steve. **Tours of the black clock**. New York: Avon, 1989. ROSENBAUM, Ron. **Explaining Hitler: the search for the origins of his evil**. New York: Random House, 1998. No Brasil podemos destacar as histórias alternativas escritas por: VEIGA, José. **A casca da serpente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003; e LODI-RIBEIRO, Gerson. **A ética da traição**. São Paulo: Draco, 2012.

Para Rosenfeld, são quatro os temas mais recorrentes no cerne das histórias alternativas sobre Segunda Guerra Mundial: 1) os nazistas ganham a guerra; 2) Hitler escapa da morte em 1945, sobrevivendo escondido em algum lugar; 3) Hitler é removido do mundo histórico antes ou algum tempo depois de se tornar *Führer*; 4) o Holocausto é completado, vingado ou desfeito.<sup>12</sup>

Além dos exemplos citados no começo desse artigo, temos também a obra do estadunidense David Charnay que em 2002, lançou o livro, “*Operação Lucifer: The Chase, capture & Trial of Adolf Hitler*”. Este romance é uma compilação de dois livros. O primeiro aborda a perseguição e captura de Hitler e seus asseclas pelo herói da novela, o coronel Barton Milburn, por vários locais do mundo - Hamburgo, Munique, Malmö, Washington, Nova York, Havana, Roma, Barcelona, Paris e Buenos Aires. A história do romance inicia em 1952, quando a CIA descobre que Hitler, na verdade, escapou do seu *bunker*. Depois de submetido a uma cirurgia plástica ele passou a se apresentar como um judeu, e, com todo o dinheiro roubado das vítimas do Holocausto, ele tinha se tornado um dos homens mais ricos do mundo. Além disso, vendia armas à Coreia do Norte, patrocinava grupos neonazistas e dava suporte a praticamente todos os grupos terroristas existentes no mundo. No final do primeiro livro, Bart Milburn finalmente consegue capturar Hitler juntamente com Martin Bormann e alguns nazistas de menor expressão em Havana, levando-os para a prisão de segurança máxima em Guantánamo, Cuba. O segundo livro abrange o dramático julgamento de Hitler. Nele, os sobreviventes do Holocausto testemunham seus sofrimentos e as atrocidades indescritíveis que presenciaram.<sup>13</sup>

Outro campo que é muito fértil na produção de histórias alternativas sobre o nazismo é o cinema. Durante a década de 1960, foram produzidos três filmes apresentando o fugitivo Hitler como um demônio que finalmente paga por seus pecados após ser capturado e julgado:

---

<sup>12</sup> Queremos aqui atentar para um ponto importante. Os negacionistas, ou seja, aqueles que defendem a ideia da inexistência da morte em massa de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, autointitulam-se de “revisionistas”. Mas o termo aqui é uma tentativa de tentar legitimar as suas ideias, nada tendo a ver, por exemplo, com um revisionismo histórico. Para os negacionistas, tudo teria sido inventado pelos judeus com o objetivo de angariar recursos financeiros através de uma verdadeira “indústria do Holocausto”. Sobre o assunto ver: FINKELSTEIN, Norman. **A Indústria do Holocausto**. São Paulo: Editora Record, 2001. NETO, Odilon Caldeira. **Intolerância e Negacionismo**: Sérgio Oliveira e Revisão Editora. In: Revista História e-história, maio de 2009. SANTOS, Elza H. L. G. **Negacionismo no Brasil**: As obras de S. E. Castan. In: Anais XIII Encontro de História Anpuh-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

<sup>13</sup> CHARNAY, David. **Operation Lucifer: the chase, capture, and trial of Adolf Hitler**. New York: Squire General, 2002.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

“*They Saved the Hitler’s Brain*” de 1963, do diretor David Bradley; “*Flesh Feast*” de 1967, do diretor Brad Ginter; e “*He Lives*” de 1967, do diretor Joseph Kane.

Em 1994, foi lançado o filme “*Fatherland*”, que no Brasil recebeu o nome de “*Nação do Medo*”, dirigido por Christopher Menaul, adaptação do livro escrito pelo romancista Robert Harris.<sup>14</sup> A trama parte da premissa de que a Alemanha vence a Segunda Guerra Mundial, após derrotar os aliados no Dia D, entrando, posteriormente, na Guerra Fria contra os Estados Unidos da América. Temos também o filme “*The empty mirror*” de 1996, dirigido por Barry Hershey, o qual representa Hitler dentro de um *bunker* enfrentando a si mesmo, seus demônios e fantasmas, em um pós-guerra imaginário onde ele analisa filmes históricos, dita suas memórias, encontrando-se com Eva Braun, Josef Goebbels, Hermann Göring e Sigmund Freud. Em 2009, Quentin Tarantino dirigiu o filme *Bastardos Inglórios*. A trama se passa durante a Segunda Guerra Mundial, quando um esquadrão de “caçadores de nazistas” (formado por judeus-americanos) consegue assassinar Hitler durante uma sessão de cinema.<sup>15</sup>

Desde a Segunda Guerra Mundial, centenas de narrativas apareceram em forma de novelas, curtas-metragens, filmes, programas de televisão, jogos, revistas em quadrinhos e ensaios históricos. De acordo com Rosenfeld, analisar as histórias alternativas do *III Reich* pode nos render uma percepção única de como a era nazista tem sido memorizada/lembrada na sociedade ocidental do pós-guerra, ajudando-nos a entender melhor o papel da cultura de massa (local dessas narrativas) em moldar a percepção histórica sobre o nazismo. Para o autor, o fato dessas produções possuírem venda garantida (e como toda a mercadoria que tenham o nazismo ou a suástica na capa) reflete a contínua normalização e relativização do passado nazista. Ou seja: esse passado é usado fora de contexto e sem uma devida e necessária problematização.

Conforme Rosenfeld, não importa onde apareçam, sinais dessa normalização abundam na cultura contemporânea. Uma polêmica em torno das garrafas de vinho que

<sup>14</sup> HARRIS, Robert. **Fatherland**. Reino Unido: Bertrand, 1992.

<sup>15</sup> Outros exemplos são: a) Filmes: Hitler - Dead or Alive (1942); Went the Day Well? (1942); The Silent Village (1943); It happened here (1964); The Battle of Britain (1969); If Britain had Fallen (1972); The Dirty Dozen (1985); Philadelphia Experiment II (1993); The last Supper (1995); Conversation with the Beast (1996). b) Séries e programas de televisão: The master plan of Dr. Fu Manchu (1956); Night Conspirators (1962); He's alive (1963); The other man (1964); The City on the Edge of Forever (1967); An Englishman’s Castles (1978); California Reich (1998); Cradle of Darkness (2002). Para ver uma análise mais detalhada sobre essas histórias alternativas, ver: ROSENFELD, Gavriel. 2005. Op. Cit.

carregam o rosto de Hitler é meramente uma das mais bizarras manifestações de uma larga tendência.<sup>16</sup> Nos últimos anos, numerosas controvérsias surgiram em torno da crescente exploração de símbolos nazistas pela cultura de massa, entre outros: um *pub* em Seoul, Coreia do Sul, ganhou manchetes no mundo ao caracterizar seu interior com temática nazista, repleta de suásticas e garçonetes com uniforme de guerra<sup>17</sup>; um romancista alemão levantou polêmica por publicar uma novela explorando o assunto da pornografia nazista; recentes filmes norte-americanos causaram objeções por focar no lado “humano” do jovem Hitler; uma companhia alemã começou a vender vasos sanitários feitos no formato da cabeça de Hitler; uma ampla variedade de revistas em quadrinho e jogos de vídeo games que usam Hitler e outros nazistas como personagens centrais; uma reprodução em tamanho real de Adolf Hitler com a qual visitantes de um museu faziam *selfies* foi retirada de exposição na Indonésia.

Para o autor, o que esses diversos exemplos demonstram é claro: mais de setenta anos desde o colapso do *III Reich*, Hitler e os nazistas deixaram de ser vistos somente como símbolos do mal. A era nazista está sendo transformada em uma miscelânea de símbolos com o propósito de fascinar, deleitar, angariar atenção, e – sem surpresas – vender. Isso proporciona uma significativa reverberação na consciência histórica, pois a exploração comercial dos símbolos nazistas os remove do seu contexto histórico original transformando-os em significados vazios. Dessa forma, a estetização do passado nazista na cultura de massa obscurece sua excepcionalidade e contribui para a normalização desse fato.<sup>18</sup>

Dado ao potencial de subverter a história acadêmica, Rosenfeld indaga até que ponto sua representação normalizadora do passado nazista simboliza uma preocupação? Histórias alternativas são para ele uma das muitas formas culturais através da qual a representação – e por extensão a memória – do passado é influenciada. Logo, a proliferação dessas narrativas sobre o *III Reich* apresenta motivos para preocupações, dado que elas podem facilmente desviar nossa atenção para longe dos fatos. Enquanto estudar história pode ajudar a entender os problemas do passado – e possivelmente descobrir novas soluções para o presente –, ler histórias contrafactuais pode distorcer o pouco que as pessoas sabem sobre o passado.

<sup>16</sup> As imagens podem ser visualizadas e: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/09/policia-alema-confisca-garrafas-de-vinho-do-fuhrer-com-rosto-de-hitler.html>. Acesso em: 16/07/2018.

<sup>17</sup> Pode-se verificar em: <https://korea.lablob.com/2010/01/25/nazis-in-korea-hitler-techno-bar-and-cocktail-show/>; <http://www.rokdrop.net/2007/10/israel-upset-about-nazi-bar-in-seoul/>.

<sup>18</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2005. Op. Cit. p. 374.

## **O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica**

Quanto mais histórias alternativas são lidas, mais a linha tênue entre fato e ficção, entre realidade e ilusão, pode se tornar “embaçada”. Isso é percebido nas representações humorísticas da era nazista, que são capazes de trivializar o passado e anular a sensibilidade das pessoas frente uma era de tamanha dor e sofrimento. Distraindo-nos, distorcendo nossa consciência e desencorajando-nos em lembrar a realidade, histórias alternativas representam um fenômeno que possui ampla audiência no mundo atual e por isso devem ser analisadas e estudadas cientificamente.<sup>19</sup>

Apesar das lamentações de Rosenfeld, como se as histórias alternativas levassem o leitor ou telespectador para um limbo entre realidade e ficção, podemos ter uma interpretação positiva acerca delas. O maior problema é a falta de uma base de conhecimento histórico antes do contato com essas histórias alternativas. Como elas são capazes de atrair a atenção de um grande público, podemos usá-las, por exemplo, em sala de aula com o objetivo de atrair esse público para a História acadêmica. Ao ser exposto a alguma história alternativa, o leitor é forçado a apreender um passado não existente, problematizando a “verdade” recebida sobre o passado. Dessa forma, ele pode questionar por que determinado fato ocorreu da maneira que ocorreu, como isto pode ter afetado o presente e como isto pode ter afetado o futuro. Como afirma Karen Hellekson, tais narrativas rompem com uma linha do tempo linear e “fazem com que seus leitores repensem sobre seus mundos e como eles se tornaram o que são”.<sup>20</sup>

### **A produção e o uso das histórias alternativas como fonte histórica**

A grande explosão desse tipo de narrativa depois do advento da Segunda Guerra Mundial, pode ser explicada por uma série de fatores que são subprodutos de tendências culturais e políticas amplas: 1º) o descrédito progressivo com as ideologias políticas no mundo do pós-guerra; 2º) a ascensão do pós-modernismo; 3º) as recentes tendências no mundo da ciência; 4º) a revolução da informação; 5º) a “revolução do entretenimento”.

---

<sup>19</sup> Ibidem. p. 392.

<sup>20</sup> HELLEKSON, Karen. *The Alternate History: refiguring historical time*. Ohio: The Kent State University Press, 2001. p. 132. Apud: ANDRADE, Daniela Linkevicius. **A História Alternativa como fonte histórica: possibilidades das narrativas ficcionais contrafactuais na pesquisa historiográfica**. Aedos, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p., Ago. 2019.

Primeiro: o descrédito progressivo com as ideologias políticas do mundo do pós-guerra, culminando com a morte do socialismo soviético e o final da Guerra-Fria, desgastou o poder de visões de mundo deterministas e, assim, impulsionou o princípio central das histórias alternativas, ou seja, que tudo poderia ter sido diferente. Declarando o capitalismo vitorioso, o término da luta ideológica permitiu, inicialmente, reconsiderar se o mundo daquele período era de fato inevitável ou se outros mundos e resultados eram possíveis. Junto a isso, esse contexto histórico propiciou novas preocupações para mundo ocidental: o ressurgimento do nacionalismo exacerbado, os fundamentalistas religiosos, a destruição ambiental e terrorismo global. Esses fatores contribuem para formar um ambiente marcado por inseguranças e incertezas, onde os imaginários sociais atuam com maior força.<sup>21</sup>

Segundo: a ascensão do pós-modernismo, com a sua indefinição entre fato e ficção, privilegiando o “outro” ou as vozes reprimidas/alternativas, também possibilitou o aumento das histórias alternativas. Isso promoveu uma visão do passado não convencional. Para Rosenfeld, o pós-modernismo encorajou o crescimento de uma consciência histórica mais subjetiva e relativa que é tão necessária à especulação das histórias alternativas. Se a história não é descobrir uma única verdade sobre o passado, mas sim compreender como inúmeros fatores aleatórios determinam suas representações, não é de se espantar que explicações do passado discordantes da história oficial comessem a pulular como nunca.<sup>22</sup>

Terceiro: as recentes tendências no mundo da ciência, como a teoria do caos, ou as teorias que consideram universos paralelos ou múltiplos, também ajudaram a reduzir o poder do pensamento determinista, encorajando e sustentando as histórias alternativas.<sup>23</sup>

Quarto: a revolução da informação liberou os seres humanos das restrições do espaço e tempo real por meio do *cyber-espaço* e da realidade virtual, dando a confiança de nos libertarmos das restrições da história real. Em um mundo no qual *chats-online* substituem o contato face-a-face, nós estamos nos separando cada vez mais da vida concreta. Como o reino alternativo do *cyber-espaço* se tornou o lugar onde nós vivemos muita parte dos nossos dias no presente, o mesmo acontece com nossa capacidade – e talvez inclinação – em imaginar um reino alternativo do passado.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> ROSENFELD. Gavriel. 2005. Op. Cit. p. 6.

<sup>22</sup> Ibidem. p. 7.

<sup>23</sup> Ibidem. p. 8.

<sup>24</sup> Ibidem. p. 8.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

Quinto: a proeminência das histórias alternativas depois da Segunda Guerra Mundial pode ser explicada pela aceleração da chamada “revolução do entretenimento”. Se a prosperidade econômica, o acréscimo no tempo de lazer e a crescente oportunidade de consumo de massa explicam o apetite insaciável do público geral por diversão, as forças competitivas e lucrativas do livre mercado capitalista explicam porque a televisão, os filmes, os jornais, e a indústria editorial de livros têm tentado atrair espectadores e leitores com o intuito de entretê-los. As consequências desse fenômeno são preocupantes: interesse do público geral em imagens mais superficiais do que em análises complexas; fascinação com celebridades, escândalos e sensacionalismo; a transformação (e o consequente empobrecimento) das notícias reais em “*infotainment*”; e o estímulo a um comportamento cada vez mais extremado na tentativa de saciar o desejo por diversão. Nem mesmo a academia foi poupada dessa tendência. A disciplina histórica, por exemplo, tem sido afetada pela revolução do entretenimento com o surgimento de seus próprios catedráticos da mídia como Simon Schama, Niall Ferguson e Andrew Roberts, pelo sucesso do canal de televisão *History Channel* (com o “Guia politicamente incorreto da História”), e pela crescente tendência da história escolar focar em eventos sensacionalistas como julgamento de crimes, massacres, e outros escândalos. Contudo, o impacto do entretenimento sobre a história é talvez mais óbvio na popularidade das histórias alternativas. Ao contrário da história convencional, que é impelida de sérios imperativos de análises, as histórias alternativas inclinam-se para o não convencional, ao sensacionalismo, ao irreverente, atendendo um público faminto por diversão.<sup>25</sup>

Há ainda um fator determinante para a produção de histórias alternativas: o apelo do gênero pode estar enraizado nas mais profundas tendências humanas. Para Rosenfeld, muitos de nós, invariavelmente em algum momento, já se perguntaram “e se?” sobre os principais acontecimentos das nossas vidas pessoais. E se nós tivéssemos entrado em outra escola, escolhido um diferente emprego, vivido em um lugar diferente? E se nós nunca tivéssemos encontrado certos indivíduos que se tornaram colegas, amigos ou noiva(o)? Quando nós especulamos sobre o que poderia ter acontecido se certos eventos tivessem ou não tivessem ocorrido no nosso passado, de fato nós estamos expressando nossos sentimentos sobre o presente: ou nós estamos contentes por nossa vida ter tomado tal rumo ou temos remorso por ela não ter ocorrido diferentemente. As mesmas preocupações estão envolvidas no reino

---

<sup>25</sup> Ibidem. p. 9.

das histórias alternativas. Nessa lógica, histórias alternativas são inerentemente presentistas, pois exploram o passado instrumentalmente para analisar o presente.<sup>26</sup>

Por essa razão, essas narrativas são relevantes documentos para uma análise histórica, uma vez que ao especularem como o passado poderia ter sido diferente, expressam invariavelmente os medos, as esperanças, as preocupações dos seus autores e leitores sobre os dias atuais, demonstrando em suas entrelinhas a subjetividade coletiva de um contexto específico.

Esse caráter presentista nos leva a dois pontos importantes sobre as histórias alternativas: 1) permitem analisar as nuances de vários acontecimentos históricos na memória coletiva de uma determinada sociedade; 2) ajudam a entender melhor o papel da cultura de massa em moldar certas compreensões sobre um fato, em razão de possuírem ampla aceitação do público porque trabalham justamente com questões do presente e são formadas pelas transformações da contemporaneidade, sejam elas políticas, econômicas ou culturais.

Ao possuir esse caráter inerentemente presentista, as histórias alternativas realizam importantes tipos de funções culturais e políticas quando elas validam ou criticam o presente. Sendo assim, elas apareçam, geralmente, em cenários de fantasia ou pesadelo. As utópicas apresentam cenários de fantasia que profetizam o passado alternativo como superior ao passado real e, assim, expressam um senso de descontentamento com a ordem política, econômica e social dos dias atuais. Elas tendem a ter uma agenda política liberal, pois ao imaginar o passado alternativo melhor eles analisam o presente como falho e incompleto, e, dessa forma, implicitamente apoiam a mudança do mundo. As distopias apresentam cenários de pesadelo que, em contraste, representam o passado alternativo como inferior e pior ao passado real e geralmente proferem um senso de contentamento com o *status quo* contemporâneo. Tendendo a ser conservadoras por retratarem o passado alternativo em termos negativos, elas ratificam o presente como o melhor de todos os mundos possíveis e desencorajam a necessidade de mudança.<sup>27</sup>

Além disso, histórias alternativas mudam sua representação de um fato histórico de acordo com os anseios de uma determinada época. Nos períodos “prósperos” tendem a

---

<sup>26</sup> Ibidem. p. 10.

<sup>27</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2005. Op. Cit. p. 10.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

produzir narrativas alternativas que validam o presente imaginando um passado piorado, enquanto em períodos de crise ou anomia social tendem a produzir narrativas que criticam o presente imaginando o passado alterado como superior e melhor.

Por exemplo, em *The Man in the High Castle* de Philip Dick, os nazistas vitoriosos na guerra criaram um império colonial, dividindo o mundo com os japoneses, continuando o massacre das raças que consideravam inferiores, assassinando judeus em todo o mundo e também realizando um maciço genocídio na África. Grupos de resistência lutam contra o *Reich* em um terrível mundo instalado após o conflito. Assim, temos uma história alternativa distópica de pesadelo, em que o passado alternativo é pior do que o passado real, confirmando o *status quo* contemporâneo.

Entretanto, é necessário abordarmos um pouco mais o caráter presentista das histórias alternativas e sua relação com a memória. Isso pode nos fornecer mais subsídios para compreendê-las como fontes históricas.

### História alternativa: presentismo e memória

As histórias alternativas podem ser consideradas pertencentes ao gênero da “*Trivialliteratur*” (Literatura trivial ou popular voltada para o entretenimento).<sup>28</sup> Segundo Guido Schenkel, o que é referido como “literatura trivial” raramente era objeto de estudo sério por parte dos acadêmicos. Por muito tempo eles ignoraram o vasto campo das histórias populares, focando-se principalmente em um pequeno número de narrativas complexas e auto-reflexivas. Mas, isto representava um descuido por que esse gênero pode parecer menos trivial se não for interpretado pelo seu mérito “literário”, mas como um “barômetro de

---

<sup>28</sup> Segundo Marion Brephol de Magalhães, *Trivialliteratur* parece incorporar, em sua definição, tudo aquilo que não pode ser considerado *Holchliteratur* (literatura erudita), “um termo depreciativo que opõe a escrita e a leitura das elites à escrita e à leitura dos subalternos”, como podemos compreender pela seguinte explicação: “Fabricação industrial de obras de todos os gêneros; oposição aos cânones ético-estéticos da *Hochliteratur*; contradição da realidade nos discursos e nas descrições; caracteres sumariamente descritos, segundo um esquema simplista opondo os bons aos maus (pintura em preto e branco); lugares comuns sem originalidade; estilo medíocre; publicação por autores explorando os baixos instintos e a sensibilidade dos leitores”. NEVREUX, Jean Baptist. *Dictionnaire internationale des termes littéraires*. APUD: BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 109. Sobre a “literatura trivial” ver também: JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à história literária**. São Paulo: Ática, 1994.

opiniões amplamente difundidas sobre as forças que regem a mudança política”.<sup>29</sup> Elas podem representar um modo único de acessar temas históricos e produzir narrativas que podem ser lidas como representação e intervenção em discursos da memória coletiva.

De acordo com Marion Brephol de Magalhães, *Trivalliteratur* parece incorporar, em sua definição, tudo aquilo que não pode ser considerado *Hochliteratur* (literatura erudita), “um termo depreciativo que opõe a escrita e a leitura das elites à escrita e à leitura dos subalternos”<sup>30</sup>, como podemos compreender pela seguinte explicação:

Fabricação industrial de obras de todos os gêneros; oposição aos cânones ético-estéticos da *Hochliteratur*; contradição da realidade nos discursos e nas descrições; caracteres sumariamente descritos, segundo um esquema simplista opondo os bons aos maus (pintura em preto e branco); lugares comuns sem originalidade; estilo medíocre; publicação por autores explorando os baixos instintos e a sensibilidade dos leitores.<sup>31</sup>

Autor importante nesse debate é Hans Robert Jauss, que também analisa a delimitação entre o que se pode denominar como clássico e “literatura trivial”.<sup>32</sup> Conforme explica Magalhães, para Jauss, que parte da Teoria da Recepção, o fator que determina uma obra clássica não pode ser a escola em que está inserida ou a sua técnica de escrita, mas sim seu estilo transformador que, ao ocasionar estranheza a seu público, acarreta mudança de valores e de percepção.

Esta mudança, ou nova percepção, delimita um momento estético inovador, que com o passar do tempo é reeditado por outros escritores, ao ponto de se fazer perder o distanciamento antes observado, tornando a obra “erudita” em uma arte “ligeira” ou “trivial”, já que não necessita mais da consciência receptora nenhuma guinada rumo ao horizonte da experiência ainda desconhecido.<sup>33</sup> A *Trivalliteratur* é caracterizada por não exigir nenhuma mudança de horizonte, ela acolhe tendências dominantes de gosto, confirma sentimentos familiares, ratifica fantasias do desejo, “torna palatáveis – na condição de ‘sensação’ – as

<sup>29</sup> SCHENKEL, Guido. **Alternate history** – alternate memory: counterfactual literature in the context of German normalization. Tese (Doutorado em Filosofia), University of British Columbia. Vancouver, 2012. p. 2.

<sup>30</sup> BREPOHL DE MAGALHÃES, M. **Imaginação literária e política: os alemães e o imperialismo 1880/1945**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 108.

<sup>31</sup> NEVREUX, Jean Baptist. Dictionaire internationale des termes littéraires. APUD: BREPOHL DE MAGALHÃES, Marion. Op. Cit. p. 109.

<sup>32</sup> JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à história literária**. São Paulo: Ática, 1994. p. 31.

<sup>33</sup> BREPHOL DE MAGALHÃES. Op. Cit. p. 110.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

experiências não corriqueiras ou mesmo lança problemas morais, mas apenas para ‘solucioná-los’, no sentido edificante, qual questões já previamente decididas”.<sup>34</sup>

Identificadas como pertencentes a *Trivialliteratur*, a crítica raramente considerou a possibilidade das Histórias Alternativas poderem existir fora do gênero da ficção científica, muito menos que a ela possa ser melhor considerada como um gênero por si só. Concordando com o historiador alemão Michael Butter, diferentemente das ficções científicas que criam múltiplos mundos, as histórias alternativas criam apenas um. Esse mundo singular não emprega a ciência e a tecnologia como seu tropo central, mas sim a história. Enquanto a ficção científica desenvolve visões de um futuro e baseia-se na tecnologia para negociar problemas contemporâneos, as narrativas alternativas negociam esses problemas imaginando um passado mudado. Como na ficção científica, mas de um modo diferente, o gênero da história alternativa é inerentemente presentista, explora o passado e o utiliza instrumentalmente para analisar a conjuntura do mundo contemporâneo.<sup>35</sup>

Outra característica importantíssima desse tipo de produção é que elas são relevantes documentos de memória, uma vez que representam certa subjetividade coletiva em um contexto histórico específico. Essas narrativas podem ser estudadas como documentos de memória pelas mesmas razões que os historiadores têm as rejeitado como inúteis para o estudo da história - a saber, sua subjetividade fundamental. Em outras palavras, história alternativa é tão bem a expressão da memória, como também é o seu produto.<sup>36</sup> Para Schenkel, as histórias alternativas prestam-se muito bem para a investigação da memória devido a seu presentismo inerente. Muitos estudiosos do gênero afirmam que, apesar do foco narrativo aparente no passado, a principal preocupação da história alternativa é o presente, pois afirmam ou criticam o *status quo* contemporâneo.

Nesse sentido, a ligação entre a história alternativa e memória é evidente, pois, como Schenkel aponta, memórias do passado podem nos dizer mais sobre a sociedade atual do que sobre a sociedade do passado: “Porque a memória é uma atividade dinâmica e fluida, emoldurada por grupos sociais e localizada em lugares simbólicos, a atividade de lembrar é guiado pelas necessidades do presente”.<sup>37</sup> Dessa forma, a memória coletiva representa o

<sup>34</sup> JAUSS, Hans Robert. Op. Cit. p. 32.

<sup>35</sup> BUTTER, Michael. **The Epitome of evil: Hitler in American Fiction, 1939-2002.** EUA: Palgrave Macmillan, 2009. p. 50.

<sup>36</sup> SCHENKEL, Guido. Op. Cit. p. 8.

<sup>37</sup> *Ibidem* p. 8.

passado na luz das necessidades do presente e seleciona, reconstrói e organiza os eventos de acordo com a vontade de alguns grupos sociais – usualmente os dominantes – dotando-os de significados políticos.<sup>38</sup>

Segundo Schenkel, essa relação inerente com o presente e com a memória não é neutra, não é um fim em si mesma, mas sempre contém um elemento de julgamento, seja positivo ou negativo. Além disso, as histórias alternativas tem o potencial de servir como meio de críticas políticas, criticando ou confirmando a conjuntura do presente, agindo como intervenção literária em discursos políticos focando na história e na memória.<sup>39</sup> O caráter presentista das histórias alternativas as permite lançarem luzes sobre a evolução de vários eventos históricos na memória coletiva de uma determinada sociedade, ajudando-nos a entender melhor o papel da cultura popular em moldar a memória sobre um fato. Nesse sentido, de acordo com Rosenfeld, essas narrativas especulativas sobre o passado são dirigidas por muitas das mesmas forças psicológicas que determinam como o passado toma forma na memória. Preconceitos, medos e desejos (esses e outros sentimentos), influenciam na maneira que as histórias alternativas representam como o passado poderia ter sido, assim como influenciam os modos nos quais as pessoas lembram como o passado “realmente” ocorreu.<sup>40</sup>

### Considerações finais

Uma coisa muito importante a se reconhecer sobre a representação histórica na cultura popular é seu imenso alcance público. Nos dias atuais, provavelmente, as pessoas são introduzidas ao nazismo primeiro através da cultura de massa, transformadora das experiências humanas ao longo do tempo em entretenimento, do que por um professor de história. Usando o passado nazista de forma descontextualizada e mais para fins comerciais/políticos/entretenimento, youtubers, blogueiros, vlogueiros, filmes, literaturas conspiratórias, quadrinhos, jogos de *videogame*, possuem um alcance muitas vezes maior, podendo ser muito mais atrativos, do que a história ensinada nas salas de aula. Por isso, fica evidente que eles são formadores de opiniões e sentimentos públicos sobre determinados acontecimentos do passado. Ao propagarem conspirações, senso comum, sensacionalismo,

---

<sup>38</sup> Ibidem p. 34.

<sup>39</sup> Ibidem. p. 17.

<sup>40</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2002. Op. Cit. p. 93.

## O NAZISMO COMO MOTE PARA “HISTÓRIAS ALTERNATIVAS”: possibilidades de seus usos como fonte histórica

estereótipos, esoterismo, ocultismo, estes meios ajudam a borrar os limites existentes entre fato e ficção, daquilo que sabemos ser verdadeiro sobre o nazismo.

Sendo assim, analisando os discursos, as mensagens, as representações presentes nas produções culturais populares, junto com sua recepção (ou seja, analisando se uma determinada narrativa foi sucesso ou fracasso de crítica, se foi um *best-seller* ou um fracasso comercial, se foi ignorado ou causou controvérsia), fornece um excelente meio de ampliar nossos estudos sobre memória para além do reino da alta cultura e nos permite produzir um retrato mais representativo dos pontos de vista da sociedade em geral.

Uma alternativa interessante para pesquisarmos e analisarmos as histórias alternativas é se elas foram recebidas pelos críticos e os leitores gerais, se uma dada narrativa foi um sucesso de crítica ou um insucesso, se foi um sucesso comercial ou um fracasso, se foi ignorada ou causou controvérsia, etc. Isso fornece um panorama geral da sua repercussão e circularidade, podendo nos ajudar a perceber se a visão do ocidente sobre o *III Reich* tem permanecido estática ou está se modificando. Resumindo, um método sincrônico e diacrônico para analisar histórias alternativas conspiratórias propicia o mais completo meio de entender seus significados.<sup>41</sup>

Dessa forma, o exemplo das histórias alternativas mostra que compreender o gênero da literatura popular como mera forma de entretenimento não captura adequadamente o relevante potencial político desses textos, fato que é facilitado precisamente pela popularidade de seus temas. Como afirma Schenkel, a capacidade única dessas narrativas em moldar memórias alternativas, reimagina ativamente axiomas essenciais da memória coletiva, ilustrando o fato que o impacto político e cultural da chamada “literatura trivial” pode ser tão profundo como as narrativas consideradas eruditas.<sup>42</sup>

Além de nos conduzir a uma melhor compreensão da importância das causas e consequências dos fenômenos históricos, as muitas histórias alternativas refletem como os eventos mais marcantes da história da humanidade são memorizados e lembrados na sociedade. Ao analisar como um fato histórico tem sido representado ao longo do tempo (como o caso do nazismo), podemos aprender muitíssimo sobre qualquer ponto de vista de uma sociedade sobre seu passado. Ao lembrar que os eventos históricos são aleatórios, as

<sup>41</sup> ROSENFELD, Gavriel. 2005. Op. Cit. p. 13.

<sup>42</sup> SCHENKEL, Guido. Op. Cit. p. 182.

histórias alternativas podem nos ajudar a repensar nossas suposições enraizadas sobre o presente e sobre o passado. Essas narrativas, ao proporcionarem uma releitura crítica do passado histórico oficial, denunciam as representações dominantes de tempo e dos determinismos históricos, configurando novas possibilidades de sua compreensão. Elas desafiam o leitor a repensar o presente à luz desse redimensionamento.

Portanto, é necessário compreendermos o uso da história alternativa enquanto fonte histórica, como fontes que reforçam as construções de fenômenos historicamente construídos, incentivando os seus leitores a pensar historicamente sobre seu passado, presente e futuro. Ou como afirma Daniela Linkevicius de Andrade, elas

são capazes de exprimir e iluminar a percepção histórica de determinadas gerações. Elas expõem de maneira muito interessante as significações temporais do presente em que a obra foi escrita, configurando um passado que, principalmente por meio da elaboração dos *backgrounds* da narrativa, fazem com que o leitor seja transmitido a um passado inventado de maneira extremamente viva.<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> ANDRADE, Daniela Linkevicius. *Ibidem.* p. 16.